

Considerações Finais

A tragédia é uma espécie de mimese entre outras espécies presentes na *Poética*. Ao falar da mimese da pintura no capítulo quatro, Aristóteles considera que quando estamos diante de um μίμημα percebemos o que ele apresenta, seja homem, seja animal, seja um ser da mitologia, e esse reconhecimento vem seguido da expressão “este é aquele”, que indica uma percepção de tipo acidental, já que observamos certas características e afirmamos o que é aquilo que se observa. A pintura simula algo; identificamos e percebemos o que ela manifesta e nos expressamos reconhecendo o retratado. E esta é uma das características mais marcantes da mimese.

Tal reconhecimento, por seu turno, envolve a capacidade cognitiva, visto que é de ordem perceptiva, e para Aristóteles a atividade de compreensão, perceptiva ou intelectual, é prazerosa. Se não reconhecemos o que a pintura apresenta, o prazer que ela proporciona será de outra natureza, não estará no reconhecimento da semelhança que o retratado apresenta com aquilo de que é retrato, mas na apreciação do uso das cores, dos traços etc. Podemos concluir, então, por *Poética* 4, que o prazer ligado à μίμησις é de ordem cognitiva, é o reconhecimento do que a pintura manifesta com os recursos que lhes são próprios, o desenho e as cores.

A tragédia é um tipo de mimese que envolve elementos mais complexos que a pintura, pois ela é um texto escrito ao qual uma certa conexão entre os fatos e as ações é dada, constituindo-se, assim, em um μῦθος (enredo), e esta trama deve provocar emoções dolorosas e prazer naqueles que a leem ou que assistem a sua apresentação teatral. A tragédia, para ser apreciada, implica também a atividade cognitiva, no caso, a compreensão dos atos dos personagens, das ações desenroladas, das emoções por eles sentidas, dos eventos, dos argumentos e as relações que tais elementos possam apresentar entre si. Como a tragédia também é uma forma de mimese, seria estranho se seu prazer contradissesse o prazer

associado à mimese da pintura, que anteriormente vimos; ele é também de ordem cognitiva. Mas o que se reconhece na tragédia é o todo de sua trama; por isso o prazer é sentido em seu final, quando esse todo é compreendido pelo leitor ou pelo espectador.

O prazer é de reconhecimento, como o é em *Poética* 4, não obstante o reconhecimento na apreciação de uma tragédia envolver todos os fatos que levam ao fim trágico, como dissemos. Compreende-se o que suscitou as dores de piedade e temor, e o prazer que podemos sentir não está em percebermos que a tragédia é mimese, o que poderia aliviar a sensação dolorosa, mas está em entendermos os fatos e as ações humanas que causaram as dores. Compreendemos, então, como bem disse Martha Nussbaum, a seriedade daquilo que o μίμημα trágico nos manifesta: a condição humana e sua fragilidade diante de fatos que subvertem sua sorte.

Apesar das diferenças entre a tragédia e a pintura ou a escultura, não devemos esquecer que Aristóteles diz que essas também podem apresentar animais terríveis ou figuras como as de pessoas mortas e, mesmo assim, nos comprazemos na observação de tais cenas. Isso se deve ao fato de nos deleitarmos com o reconhecimento do que é apresentado; por isso sentimos prazer em ver e reconhecer coisas na pintura e na trama trágica, que, se vistas diretamente, não seriam agradáveis.

Portanto, até onde o texto nos permite ir, não é a piedade e o temor que provocam o prazer da tragédia, mas o prazer é provocado pela compreensão dos fatos, cujo desfecho é doloroso. O prazer advindo da contemplação da representação mimética tem, portanto, uma conotação cognitiva, porque é reconhecimento do que o μίμημα manifesta. No caso da tragédia, os fatos e o enredo é que constituem seu fim (τέλος). Além disso, pelos capítulos 6 e 14 ficamos sabendo que o prazer apropriado (ἡδονὴν οἰκαίαν) à tragédia só é obtido através de uma imitação de ações piedosas e temíveis (φοβερόν καὶ ἐλεεινόν).

Tudo o que consideramos não nos leva a acreditar que a presença, mesmo que paradoxal de dor e de prazer na apreciação da tragédia, nos autorize a concluir, como fizeram alguns intérpretes, que a catarse possa ser o fator que transforma uma em outra. Sabemos que a noção de catarse era empregada ao se falar da remoção de sujeira, da purificação ritual, da purgação medicinal, assim como era indicativa de clareza de um discurso, questão ou argumento. Sabemos

também que, no conjunto da obra aristotélica, a noção aparece em todas as acepções que possuía até então, conquanto a acepção ligada à medicina fosse a mais comum. Mas a presença dessas acepções na obra de Aristóteles não nos auxilia a chegar a uma conclusão não problemática da presença de catarse em *Poética* 6.

As conjecturas de certos comentadores e tradutores da *Poética* que identificam ou aproximam a noção de κάθαρσις da noção de prazer apresentam, em geral, uma boa base na *Política*, visto que aí Aristóteles aproxima certa κάθαρσις de um alívio acompanhado de prazer, se bem que o prazer aqui não seja de mesma natureza, isto é, prazer cognitivo, mas de um outro tipo, que o filósofo chama de sadio ou inocente. Quanto ao texto da *Poética*, podemos compreender que o prazer da tragédia não está em a reconhecermos como mimese e termos alívio ao percebermos que as ações que engendraram as emoções dolorosas são meras imitações de ações e de vida. O fato de estarmos diante de mimese é conhecido desde o início e sentimos prazer não por reconhecermos isso, mas por entendermos as condições e os atos humanos que a tragédia apresenta.

Que a catarse seja associada ou identificada ao prazer é o que podemos conjecturar com certa base textual na *Poética* e em uma ou outra passagem das obras aristotélicas. Talvez uma reconstrução, como a que Halliwell fez, possa ser admitida, em que pesem os problemas que tal empreendimento esteja fadado a encontrar. Ao certo mesmo, para uma definição que desfizesse todas as dúvidas em relação à catarse da tragédia, só se novos elementos surgissem.